

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

YASMIM ROQUE DA SILVA

A QUESTÃO DA MÁ CONSCIÊNCIA NA “GENEALOGIA DA MORAL”

JOÃO PESSOA - PB

2020

YASMIM ROQUE DA SILVA

A QUESTÃO DA MÁ CONSCIÊNCIA NA “GENEALOGIA DA MORAL”

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Filosofia na Universidade
Federal Da Paraíba - UFPB apresentado
como pré-requisito para a obtenção do título
de Bacharel em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Robson Cordeiro

JOÃO PESSOA - PB

2020

Yasmim Roque da Silva

A QUESTÃO DA MÁ CONSCIÊNCIA NA “GENEALOGIA DA MORAL”

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia na Universidade Federal Da Paraíba - UFPB apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson Costa Cordeiro (orientador) UFPB

Prof. Dr. Betto Leite da Silva (examinador) UFPB

Prof. Dr. Miguel Ângelo Oliveira do Carmo (examinador) UFPB

Dedico este trabalho aos meus pais, irmão
e meus amigos que sempre me apoiaram
para continuar na vida acadêmica

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a minha família que sempre me apoiaram, à minha mãe, Lucidalva, que mesmo de longe continuou cuidando de mim, ao meu pai, Isaque, que me incentivou a mudar de cidade em busca do meu sonho, ao meu irmão, Ialisson, que me impulsiona a melhorar.

Agradeço a todos os professores que eu tive a honra de conhecer e aprender durante o curso, agradeço em especial ao Prof. Dr. Robson Costa Cordeiro pela atenção e acolhimento nesta orientação e a todos os colegas de curso que de alguma forma estiveram contribuindo para a minha formação.

Agradeço também às minhas amigas Nathalia, Nancy, Emilly e Carlla, por me auxiliarem na vida acadêmica e pessoal, demonstrando constante companheirismo.

Minha gratidão a Deus que até aqui me sustentou. Por renovar continuamente minhas esperanças e a fé em mim mesma para continuar a caminhada.

RESUMO

A monografia aqui apresentada tem como objetivo realizar uma análise aprofundada a respeito da estruturação realizada por Nietzsche na “Genealogia da Moral” na sua busca pela origem dos conceitos morais, em particular a segunda dissertação acerca da “má consciência”, que está imensamente inserida na sociedade a ponto de não mais questionarmos a sua implantação e o seu sentido. Para isso faz-se necessário a busca pelo conhecimento sobre cada aspecto que ajudou a moralidade e seus conceitos serem estabelecidos, para que assim sua base possa ser entendida.

Palavras-chave: má consciência, moralidade, culpa

ABSTRACT

The monograph presented here aims to conduct an in-depth analysis regarding the structuring carried out by Nietzsche in the “Genealogy of Morality” in his search for the origin of moral concepts, in particular the second dissertation about “bad conscience”, which is immensely inserted in society to the point that we no longer question its implementation and its meaning. For that, it is necessary to search for knowledge about each aspect that helped morality and its concepts to be established, so that its basis can be understood.

Key-words: bad conscience, morality, guilt

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E OS SEUS DESENVOLVIMENTOS	11
1.1 A RESPONSABILIDADE	13
1.2 FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA	15
1.3 A CONSTRUÇÃO DA CULPA ATRAVÉS DO CASTIGO	16
1.3.1 Relação entre credor e devedor	17
1.3.2 A estruturação da crueldade e a introdução do pessimismo	20
2 O PODER E A SUA FORÇA MODELADORA	24
2.1 A CONCEPÇÃO DE JUSTIÇA	24
2.1.1 Vontade de Poder	27
2.1.1.1 As finalidades do castigo	28
3 O PRODUTO FINAL DO PROCESSO: A MÁ CONSCIÊNCIA	31
3.1 A CRUELDADE DE ARTISTA	32
3.2 A ASCENSÃO DO DIVINO	35
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

A origem dos conceitos que regem o mundo causa fascínio suficiente para que haja uma busca pela compreensão da sua existência, do seu surgimento. O que deveria ser para todos o ponto de partida para conhecer os aspectos da vida, não é algo tão fundamental para a maioria dos homens, e por isso agradecemos aqueles que movidos por uma sede de entendimento, mergulharam no desconhecido nessa busca por respostas.

Há uma procura natural pelo conhecimento, mas nem sempre estamos atentos no que estamos vivenciando no presente momento para refletir e iniciar uma investigação por respostas para questões que antes não importavam, mas que depois de uma experiência surgem com sua urgência por explicações. A esfera da moral e o seu conjunto de preceitos base, ainda despertam depois de séculos de estudo, o interesse em analisá-los a fim de obter uma ampla visão a respeito. Essa caminhada na luz do conhecimento não é percorrida por uma só pessoa, é de extrema importância o compartilhamento de ideias, conceitos, convicções e dúvidas para a experiência ser completa e fornecer o suporte necessário para que o homem possa no fim expor o seu entendimento.

A moral logo nos é apresentada quando chegamos no mundo, ela nos molda desde sempre e tão rapidamente se vincula em nossa vida de forma que é natural reproduzi-la. Nos são especificados o certo e o errado, o bem e mal, a virada do pensamento está nas questões que começam a aparecer e nos faz perseguir o conhecimento para alimentar a curiosidade do intelecto. Essa também foi a experiência de Nietzsche, que questionou, estudou e analisou os mais diversos ângulos para apresentar as próprias conclusões, uma linha de raciocínio própria amparada por argumentos construídos durante a jornada.

Para o filósofo, do estudo da moral interessava-lhe buscar o valor dos conceitos morais, mais especificamente o que praticamos não como um meio de benefício próprio, mas encontrar na renúncia, no altruísmo, na compaixão, a grande fonte modelo a ser copiada para então torna-se um homem melhor. E daí se deriva a

reflexão de Nietzsche, enxergando o fim da humanidade nessa moral que cada vez mais se alastra na terra, no conceito moral da compaixão.

A reflexão concede como ponto de partida o papel da compaixão dentro da moral e se estende para analisar o que está envolta da ideia e as possibilidades que ela oferece. Um estudo que se aprofunda mais conforme a busca pelo conhecimento pede mais detalhes de tudo que abrange a coisa e o que dela pode implicar. O objetivo central é traçar a história da moral com acontecimentos passados e não uma mera hipótese.

O nascer do pensamento moderno em relação aos conceitos fundamentais a vida nos guia para encontrar o pressuposto no qual se fez possível essa organização que nos cobra certos tipos de ações. Nietzsche investiga e analisa esses conceitos a fim de encontrar e elucidar esse momento de virada de pensamento e toda a sua estruturação para fazer possível a sua perpetuação pelos indivíduos.

Neste estudo implica-se a crueldade como o mais remoto meio de formação de uma cultura e organização social que podemos ter acesso, sendo movida pela vontade de poder presente no próprio homem. Na sua segunda dissertação da Genealogia da Moral, Nietzsche nos apresenta um estudo detalhado a respeito da evolução de uma mentalidade culpada que é concedida e apoiada primeiramente na crueldade, que remodela o homem a fim de deixá-lo previsível, dependente e distante da sua natureza libertadora e conquistadora. Ao ponto de fazer existir uma circunstância de ruptura que o faz perseguir a imagem de um ser poderoso capaz de tirá-lo deste lugar de culpa em que se encontra, com o intuito de justificar o sofrimento causado por essa culpa que o aprisiona e silencia a sua capacidade de estar em plenitude no mundo.

O texto traz um estudo a respeito dessa moral criada e o caminho por ela percorrido para chegar no pensamento moderno atual e as consequências que construção da má-consciência reverberam no panorama atual.

1. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E OS SEUS DESENVOLVIMENTOS

Nietzsche expõe o seu pensamento a respeito das promessas no início da segunda dissertação da Genealogia da Moral, esclarecendo a princípio que o homem não é naturalmente propenso a prometer algo, e ao realizar essas promessas, pode vir a ter dificuldades com o processo de realização. Esse é o que ele chama de “problema real da humanidade”, mas o homem ao tomar posse dessa habilidade de realizar promessas, desenvolve toda sua vida social amparada através delas.

O Esquecimento, no entanto, é muito mais que um exercício positivo, é uma força que atua positivamente para o crescimento do homem. Por meio dessa força que ao esquecer o passado a oportunidade de experimentar novas experiências surge. Ao permitir que o esquecimento atue na consciência, ele age como uma apaziguador, ele bloqueia os pensamentos que podem futuramente causar problemas, nos desprender dos conceitos e impressões com os quais estamos dependentes, o que nos torna repetitivos ao nos confrontarmos com uma adversidade, assim criando uma paz dentro da mente para que ela possa dar lugar para as novidades que irão enobrecer cada vez mais o homem, que irão fortalecê-lo e torná-lo capaz.

O homem que não se deixa esquecer e tem um grande apego às memórias, encontra-se estático no passado, sem uma perspectiva para poder conhecer o que o futuro pode oferecer. O esquecimento aqui discutido não se refere aquele que comumente conhecemos, o ato de esquecer porque a memória se torna distante o suficiente para não ser mais uma lembrança clara, ou não lembrar dos conceitos que antes eram tão vívidos.

O esquecimento ao qual o autor se refere, trata-se da limpeza psíquica que nos permite uma abertura para recebermos novos conceitos e assim continuar nos renovando, é uma parte essencial para que o homem possa percorrer caminhos que antes estavam bloqueados pelas impressões das memórias. E assim, ao final dessa atividade psíquica, não possibilitar que os pensamentos e marcas se fixem.

Ao não deixar o esquecimento atuar, o homem não explora o potencial que lhe é inato, ele se apega à memória, que não pode ser entendida como uma impressão fixa. O homem se prende à experiência e não a solta, não porque não pode, mas porque não quer se ver livre dela. Mas esse esquecimento apresentado por Nietzsche pode ser entendido como o oposto ao que ele diz ser o “ressentimento escravo”, esse insulto que o escravo alega receber do senhor e que é levado pelo lado moral. Não é o esquecer das coisas ruins que lhe aconteceram, nem o perdoar o dano causado, mas o não permitir que as memórias produzidas fiquem fixadas na mente.

Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente)... (NIETZSCHE, 2018, pág. 43)

O homem aprendeu a ver e a projetar seu futuro com base nos acontecimentos experimentados para pressupor o que pode vir a ser, utilizando os fatos acontecidos para antecipar e se precaver do futuro. Se faz necessário o próprio homem ser uma constante, adquirir memória, em que se pode depositar a confiança, para que assim ele seja capaz de também projetar as suas ações futuras.

O ser humano é um ser social, que sente a necessidade de estar relacionado com o outro ou inserido em um grupo para que possa viver e não apenas sobreviver, por esta razão que a memória exerce um importante papel. É através do querer alcançar algo que uma memória é projetada, desenhada, desejada, uma memória de ambição que o torna contente de estar em um grupo com as mesmas aspirações ou/e que promovem as oportunidades para o indivíduo atingir o que busca.

Essa memória, o desejar que está nela implícito, separa o homem do animal. Assim como o esquecimento apresentado pelo filósofo é uma parte essencial da vida, a promessa está igualmente incluída nisto, visto que ela é movida por estímulos do desejo, da vontade do homem, e isto é de o mesmo modo necessário para o homem desfrutar da vida com a intensidade devida. Apesar de nos depararmos com os pontos positivos da promessa, há igualmente os pontos negativos que fazem o homem por

meio dela ser apenas mais um dentro de um grupo, que se vê preso e sendo levado para um fim que não esperava, e não tendo um olhar crítico para distinguir o quanto o grupo o está o iludindo.

“... o esquecimento é suspenso em determinados casos - nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira memória da vontade ...” (NIETZSCHE, 2018,pág 44)

Uma promessa é algo que no passado o homem quis, no presente ele continua querendo e no futuro ele deseja manter o que lhe é querido. O esquecimento e a promessa tem interesses opostos , e para que a “longa cadeia do querer” seja mantida, essas duas forças precisam estar trabalhando juntas e em sintonia para o que é querido e desejado no momento presente o seja também no futuro, deve surgir sempre algo novo entre os períodos de tempo para que a vontade continue sendo ‘alimentada’.

1.1 A RESPONSABILIDADE

O início da responsabilidade surge à medida que os homens ao se tornarem seres constantes, adquirem em seguida a confiança para prometer, desse modo podemos perceber esse momento importante de uma pausa do esquecimento para que o homem seja capaz de realizar promessas. Cria-se então um certo tipo de homem que é valorizado por ser constante e previsível, e isto só pôde ser possível pelo processo de séculos que a civilização passou, iniciando uma cultura moral que com o desenrolar dos anos o homem cada vez mais se encaixou nos valores desenvolvidos para que dele, emane confiança para o meio social em que ele está inserido.

Os costumes e tradições sofrem mudanças de acordo com o tempo. As normas de uma sociedade dependem das demandas apresentadas pelas pessoas que nela vivem, regulando aquilo que o coletivo não acha benéfico para o meio social. Portanto, a origem dessa responsabilidade moral está ligada à vida mundana que exige esse comprometimento.

Se imaginarmos o resultado que este processo quer formar, com a chamada “moralidade do costume”, visualizamos um indivíduo soberano, que alcançou a sua liberdade não sendo mais refém da moralidade, que agora se ver livre e suficiente para realizar a sua vontade, ele é a personificação do fazedor de promessas.

A moralidade do costume se constituiu ao longo da história com as constantes distribuições de valor para as coisas do mundo e a as suas diferentes valorações que são sustentadas pelos costumes implementados, as reações movidas por emoções do homem e a sua atuação no meio onde vive, sendo assim plenamente envolvida na vivência do homem, conferir valor às coisas que nos cercam, estruturam o modo de viver. Os valores adotados em sua maioria são por inércia, não refletidos para o seu entendimento, mas conseguem penetrar no pensamento do homem como conceitos formadores de opinião. Portanto quando Nietzsche faz referência a “moralidade do costume”, voltasse a este “cultivo exercido” pelo homem no passar do tempo.

A valoração que este homem nobre impõe a fazer é uma validação para as suas ações às elevando-as ao máximo como ações boas e nobres, enquanto as dos demais que se encontram abaixo do seu poderio estão em oposição com os valores que este homem nobre estabeleceu.

Neste homem ainda podemos identificar que ele é seguro de si e está consciente do que se tornou, da liberdade e do poder adquiridos. Este homem conhece o que implica possuir esse poder sobre si, e ele ao reconhecer isto poderá exercer o seu poder no mundo, para as circunstâncias em que se encontra, para as pessoas que não estão no mesmo nível de poder e liberdade dele.

Com a sua evolução e não praticando os valores morais antes impostos sobre si, o sujeito configura a sua própria escala de moralidade, ela classifica as coisas louváveis ou desprezíveis de acordo com a sua visão de mundo, e vê como aliados os mesmo sujeitos que compartilham desse poder, aqueles que podem se comprometer com uma promessa. Ele reconhece quem não tem condições de realizar

uma tarefa, e que mesmo assim o faz, para esses homens ele se encarrega de trazer consequências do não cumprimento. Todo esse poder, a liberdade e a elevação social, faz com que o homem continue a se transformar.

O orgulhoso privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até a sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra pra ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência... (NIETZSCHE, 2009, p.45)

Mas quando Nietzsche analisa a origem da criação de valor e suas especificidades, trata-se do homem nobre ao qual é responsável por essa criação de valor, para a sua reprodução contínua são responsáveis os homens de baixo poder e que buscam submeter-se. Esses homens nobres em algum ponto irão fazer uso dessas valorações, mas é importante manter a vigilância sobre si para que este poder de valorar não seja esquecido e continue atuante.

1.2 FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Mas o que significa ter essa consciência? Para esta palavra podemos aplicar conceitos diferentes, porém nesse contexto se refere ao sentido moral da consciência, que significa o homem ter a responsabilidade moral sobre si, ter o poder de decisão sobre o agir, como comentado anteriormente. Conforme a sociedade evoluiu, o homem moldou os seus instintos mais selvagens como o próprio esquecimento, para a memória se enraizar e ter as condições propícias para a promessa, além de estar incluso no meio social, acarretando em pactos para o bem coletivo, o uso da violência é empregado para a implantação de uma memória no homem.

Esse homem evoluído é o resultado de um longo processo e por isso ele não pôde estar pronto mais cedo. Ainda existem vários sujeitos no processo de transformação, mas ao final disso um problema se revela, o homem está tão imerso na prática do esquecimento que ele usa o seu conhecimento para o agora. A resolução para isso não é fácil, é desgastante a técnica de memorização.

Para se ter uma memória que perdure e seja gravada no seu interior, a dor é a principal aliada nesse aspecto. O medo de reviver o passado é algo que está inserido em cada membro de uma sociedade, esse medo está relacionado a atos cruéis cometidos anteriormente através de sacrifícios, rituais religiosos, levando a dor a ser um divisor de águas para a memória. Quando a dor enraizada numa sociedade é grande, podemos ver a consequência disto nos costumes presentes para manter um certo tipo de comportamento nos indivíduos, são mais graves as punições para quem se desviar das leis do local, uma maneira de continuar relembrando a dor. Nietzsche compreende que o esquecimento é uma capacidade própria do homem-animal, e o processo de memorização ocorre através do curso que a dor realiza em cada ser.

“Talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. “grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” - eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra” (NIETZSCHE, 2018, pág. 46)

O autor traz como exemplo o povo alemão, a sua evolução, não sendo tão rígidos e praticantes da crueldade, mas também não sendo de espírito amolecido e que só se importa com o presente. Mas voltando ao passado vemos o que foi preciso para chegar a essa sociedade presente, os castigos praticados séculos antes, a crueldade com que cada punição é feita leva aos homens a não querer estar sujeito a isso, com a negação vem o esforço para não praticar nada que o leve ao castigo, fazendo uma promessa, podendo viver aquilo que a sociedade tem de bom para oferecer, tudo isso leva o homem a pensar sobre as ações, trazendo à luz a razão com este alto custo de sofrimento.

1.3 A CONSTRUÇÃO DA CULPA ATRAVÉS DO CASTIGO

A consciência culpada ou a má consciência é um conceito que começou a ser sentido pelo homem ao perceber que estava em dívida em relação a algo, é este sentimento que o “avisa” quando algo não deveria ter sido feito, o que se segue é a culpa por ter feito esse algo. Se torna possível sentir-se assim graças ao longo processo formador de memórias e tudo o que está implicado nessa formação no homem. A culpa aqui remete ao caráter de estar devendo para alguém, a sensação

de estar em débito com o outro. O castigo tornou-se aliado daquele que não recebeu o resultado da promessa, uma forma de reparação.

Assim, o sentimento de culpa, de obrigação pessoal, tem sua origem na relação entre comprador e vendedor, credor e devedor: é daqui que nasce a ideia de *equivalência* que, logo depois, se *generaliza* na máxima segundo a qual tudo tem seu preço, tudo pode ser pago - este mais antigo cânone moral da justiça. (MOURA, 2014, pág. 140)

A dívida está diretamente relacionada com o sentimento de culpa, da má consciência. O castigo entra nessa relação como um meio de ajuste para as partes envolvidas serem compensadas e niveladas. Para que o processo de designar um castigo apropriado para o ato cometido seja realizado, é requerido uma separação por graus de intencionalidade.

Os antigos viam no castigo uma maneira de buscar vingança, havendo o ódio e a raiva que o dano causou no momento como os fatores determinantes para a punição aplicada. Na antiguidade os castigos não possuíam tantos significados quanto na modernidade, era uma ideia mais simples de reparação ao credor. Essa relação de troca entre o credor e o devedor, serviu como inspiração para o castigo, o primeiro não pode sair em desvantagem, essa relação requer equivalência entre as partes.

As discussões acerca de ser justo, a responsabilidade, a intencionalidade do ato, foram debatidas posteriormente. Os modernos chegaram a um conceito de justiça mais aprimorado, onde o castigo é a ênfase da autoria do indivíduo pelos seus atos, a busca por uma compensação equivalente ao dano sofrido. O castigo não se constitui apenas para punir uma infração, mas para que haja uma compensação.

1.3.1 Relação entre credor e devedor

A ideia dessa relação entre credor e devedor constituída pelos antigos, hoje pode ser vista com pouca apreciação. E isso remete ao fato que essa interação é o ambiente onde naturalmente nascem as promessas, onde a memória tem que se fazer presente, onde são estabelecidos os limites, o que é acordado entre as partes. Para garantir que o devedor possa cumprir com o que foi prometido, o credor deve pedir uma garantia para que assim, mesmo com o não cumprimento da promessa ele não

saia dessa relação em uma desvantagem. Como consequência o devedor oferece aquilo que ainda tem a posse, uma casa, uma pessoa, um bem. Além disso, ou se não tiver algo a mais para oferecer em troca, o corpo do devedor fica à mercê do credor para que ele determine o que ele quer infligir para que fique satisfeito.

A reparação que se desenrola, quando vista em outro ângulo, toma uma proporção díspar. No primeiro acordo, o credor receberia algum bem que lhe é querido, mas ao não transcorrer do modo desejado, ele logo acha-se compensado por tirar algo do devedor, ainda que não tenha em posse algo material, ele pode exercer o poder que possui e se encontrar satisfeito ao ver quem não honrou com a promessa foi prejudicado de maneira semelhante da qual ele sente, é uma forma de recompensar o dano causado.

E quanto mais forem distantes os seus papéis sociais, o credor tendo mais poder e o devedor sendo mais indigno, mais satisfatório será para que exerça os seus “direitos de senhor”, um convite para cometer atos cruéis. A pessoa lesada se deleita ao aplicar a pena, trazendo à tona os pensamentos e instintos mais sombrios. A satisfação aqui descrita, é entendida não com o prazer de infligir dor a alguém inferior apenas, mas a elevação que o credor tem para exercer o seu poder sobre alguém que não o tem.

Na medida em que o fazer sofrer era altamente gratificante, na medida em que o prejudicado trocava o dano, e o desprazer pelo dano, por um extraordinário contra prazer: causar o sofrer uma verdadeira festa, algo, como disse, que era tanto mais valioso quanto mais contradizia o posto e a posição social do credor” (NIETZSCHE, 2018, pág. 50)

Quanto a leis que regem a sociedade, há nesses conceitos de certo e errado a origem da culpa, má consciência, ao ser implantada em virtude de um regime cruel, essa moralidade nasce com requintes de crueldade. Apesar do momento presente não apresentar castigos semelhantes, temos incutido na sociedade os resquícios da crueldade passada. Se faz possível assim, uma noção do surgimento da culpa com o sofrimento, nas dívidas que são pagas com punição, no prazer de infligir a dor ao devedor para que se sinta contrabalanceado com o não cumprimento da promessa.

O prazer por essas práticas eram uma parte fundamental da sociedade antiga, uma forma de entretenimento. Viam as execuções e castigos ocorrerem em praça pública, como que hoje assiste ao show do artista favorito, animados e altamente receptivos ao que veem. Nós modernos opinamos o quão mortificante algo tão extremo ser uma fonte de diversão. Podemos pensar que haviam aqueles que não apreciavam a prática, mas ainda era uma circunstância corriqueira. Nas grandes festas, eram obrigatórios um espetáculo cruel para serem completas, a normalidade em que os indivíduos esperavam a dor da outra pessoa, o interesse em assistir a crueldade, torna tudo mais aflitivo.

As festas da alta sociedade consistiam nesses espetáculos cruéis, Nietzsche chega a pensar que seriam o ponto alto da celebração. O espetáculo público da crueldade torna-se sinônimo de festa ao reunir pessoas para assistirem o poder do mais forte ser exercido em cima do mais fraco socialmente, ao mesmo tempo que reforça o raciocínio por trás do castigo.

Esses atos não são tão antigos ou afastados de nós o quanto queríamos para nos sentirmos confortáveis. Ao lermos inscritos que pertencem a era antiga ou uma literatura da época, nos encontramos com essa normalidade para com a crueldade intrínseca na sociedade. O prazer, a apreciação, a demonstração de satisfação com o sofrimento do outro, é uma característica somente encontrada no homem.

Há ainda aqueles que encontram prazer e satisfação ao se fazer sofrer, o que nos leva às práticas religiosas mais rígidas onde o autoflagelamento é uma saída para o sentimento de culpa que o consome.

Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda - eis uma frase dura, mas um velho e sólido axioma, humano, demasiado humano, que talvez até os símios subscrevessem: conta-se que a invenção de crueldades bizarras eles já anunciavam e como que “*preludiam*” o homem. Sem crueldade não há festa: é o que ensina a mais antiga e mais longa história do homem - no castigo também há muito de *festivo*! (NIETZSCHE, 2018. pág. 51)

1.3.2 A estruturação da crueldade e a introdução do pessimismo

A crueldade tem um papel central na organização social, transformando o comportamento e a mentalidade por meio do quão drásticos foram os métodos aderidos, acarretando nos estabelecimento das normas sociais, e através do tempo ser modificadas ao ponto de não mais recorrer a castigos tão físicos. Estamos tão familiarizados com as normas que elas se encontram internalizadas no homem, passando a ser mais que normas, mas um conceito de vida.

Nietzsche defende que um conceito, um fenômeno espiritual não pode ser absorvido pelos indivíduos simplesmente ao serem colocados na sociedade. Esse fenômeno deve ter origem na brutalidade, para que a partir disso possa surgir. A crueldade é a grande aliada na implantação de leis, quanto mais dor no processo, mais enraizados ficam os conceitos. O pensamento disseminado torna-se consolidado com o tempo, não necessitando da crueldade explícita de antes, as transições para adequar ao tempo e a sociedade que se modifica, passam a ser mais espirituais. Causar a dor física torna-se passado, a restrição sob a natureza do homem toma o seu lugar. O filósofo relaciona diretamente a cultura com a crueldade, uma coisa advém da outra, assim como a busca do poder e do prazer é atemporal.

Os pessimistas podem usar essa longa história da crueldade estruturada por Nietzsche como argumentação para a forma com que lidam com a vida, mas o autor reverte a justificativa expondo a ideia de termos nos transformado em seres tímidos em relação às práticas cruéis, uma pessoa ser pessimista não teria sido possível nos tempos em que os instintos eram valorizados, e não reprimidos cheios de vergonha.

O ensombrecimento do céu acima do homem aumentou à medida que cresceu a vergonha do homem *diante do homem*. O olhar pessimista enfasiado, a desconfiança diante do enigma da vida, o gélido Não nojo da vida - estas não são características das épocas de maior maldade do gênero humano: como plantas pantanosas que são, elas surgem apenas quando há o pântano que necessitam - refiro-me à moralização e ao amolecimento doentios, em virtude dos quais o bicho “homem” aprende afinal a se envergonhar de seus instintos. (NIETZSCHE, 2018, pág. 52)

Quando o homem quer a separação da sua natureza, dos seus instintos, acaba constrangido com as suas ações anteriores, dando espaço ao pessimismo. É uma consequência de viver em sociedade, assim como nos tornamos mais seguros

dos perigos que a natureza oferecia, nossos impulsos naturais são reprimidos. Mesmo em situações adversas que o homem possa se encontrar, a vida não seria sem propósito, a vida é composta de forças que nos impulsionam a ultrapassar os obstáculos.

O sofrer é a principal alegação para a vida ser desestimulante para os pessimistas, um contra-argumento surge na demonstração do quanto as pessoas eram mais alegres antes do que na modernidade, o sofrer ao contrário do que se pressupõe, era um componente para a vida ser mais fascinante.

Em outro texto do autor, A gaia ciência, onde ele aborda o sofrimento, há a argumentação sobre a nossa propensão em sentir dor mais intensamente do que os povos antigos. Passamos com os séculos, a mudar e restringir o fazer sofrer, de modo que ao experimentarmos algum tipo de sofrimento, este tem a sua sensação ampliada pelo fato de não mais entrarmos em contato com o sofrer, assim respondendo a experiência com espanto pela estranheza do fato, o transformando em mais grave do que realmente é.

Como não se experimenta a dor com a frequência de antes, não temos a noção da sua força, no que a consiste, nos restando imaginar a dimensão, e este aspecto faz com que a imaginação deixe o indivíduo ansioso e assim ele passa a presenciar a dor, tornando esse processo mais sofrido que a dor em si. Quanto mais estamos distantes dessas experiências, mais fortes são as ideias de dor.

O homem faz a imaginação da dor ser intolerável, repelindo a sua experiência na realidade. Mas a sensação de estar em perigo é importante para que a vida não seja monótona e assim sermos tomados pela angústia por estarmos tão cômodos. Para combater a disposição para o pessimismo que a modernidade trouxe, se faz necessário ir contra a comodidade e escolher viver no limite, correr riscos, a vida é mais prazerosa desta forma.

Apesar da narrativa da crueldade nos tempos antigos, Nietzsche acredita que a vida era mais alegre, e parte dessa alegria se foi conforme o homem tem vergonha

de si. O indivíduo criou restrições para si mesmo, uma saída para negar a sua natureza animal, ao se deparar como algo que remeta a esta referida natureza, o desprezo surge, finge não pertence a ela. Com a visão modificada de mundo que temos, se torna difícil imaginarmos que essa parte da vida social, o sofrer, era a grande explosão da vida. O fazer sofrer não era sentido com a mesma noção moderna que possuímos, o nível de imunidade a isto era maior.

Desse modo é levantada a possibilidade do prazer ao fazer sofrer não tenha desaparecido com o tempo, como acreditamos ser para que haja uma paz de espírito no indivíduo, por causa dessa elevação da dor sentida, nos tornamos mais sensíveis, dessa forma a crueldade precisa ser disfarçada mais ainda ativa interiormente. O sofrimento sem causas traz revolta desde os modernos aos antigos que eram mais abertos quanto a isso, deve haver uma motivação para infligir a dor.

O uso constante do sofrimento seja ele no campo da imaginação ou no Real, evidencia como a dor está sempre presente no processo de formação de sentido. O argumento pessimista de que a vida e o sofrer não tem sentido, mostra-se controversa em algum momento, o viver não é possível sem o sentido.

Ao analisarmos constituição da culpa realizada por Nietzsche, percebemos que foi estabelecido o seu conceito com base na relação entre credor e devedor, cada sociedade em sua particularidade tem esse princípio como formador de normas, de valores e buscar a proporção igual nas relações de troca. Quanto mais essa relação acontecia, mais esse conceito de troca era impregnado nas ideias do homem, esse indivíduo foi despertado pelo sentimento de orgulho e se elevou ao seu ver em relação aos outros animais. O homem atribuiu para si um valor ao também valorar o que está ao seu redor. As negociações são mais antigas até que a própria sociedade, as relações aos poucos formaram princípios e valores, tudo o que existe foi valorado de alguma forma, desencadeando nas formações de conceitos a partir desses valores, como a bondade e a justiça.

Comprar e vender, juntamente com seu aparato psicológico, são mais velhos inclusive do que os começos de qualquer forma de organização social ou aliança: foi apenas a partir da forma mais rudimentar de direito pessoal que germinante sentimento de troca, contrato, débito [*Schuld*], direito, obrigação,

compensação, foi transposto para os mais toscos e incipientes complexos sociais (em sua relação com complexos semelhantes), simultaneamente ao hábito de comparar, medir, calcular um poder e outro. (NIETZSCHE, 2018, pág. 55)

Nesse contexto a justiça constitui-se em apaziguar ambas as partes envolvidas buscando uma equidade nos assuntos discutidos pelos indivíduos, enquanto para as relações entre um abastado e um desprovido de poder era acordado um compromisso entre as partes. Essa ressignificação de valores é diretamente responsável a forma pela qual a sociedade se organizou.

No início do meio social, as comunidades baseiam-se no conceito de credor e devedor, essa relação evoluiu e tomou proporções maiores, sendo base para a dinâmica do grupo de pessoas que formavam a comunidade, a dívida que o indivíduo tinha não estava mais no âmbito de pessoa para pessoa, mas de pessoa para com o grupo. Quem estava inserido no grupo eram compensados com vantagens, a proteção e o bem-estar que a comunidade oferecia, levou o homem conquistar uma certa paz para viver tranquilamente não tendo mais que estar envolvido nas dificuldades que enfrentava estando sozinho, assim ele contribui e compromete-se com a comunidade.

O homem que não cumpria com o acordado sofria as consequências que a própria comunidade se encarregava de realizar, ao quebrar a promessa, o homem está quebrando o acordo com todos. Esse indivíduo quebrador de promessa viola os princípios da comunidade e tudo o que ela ofertava de benefício. A dívida deste homem refere-se tanto ao fato de não cumprir com os compromissos, quanto ao afrontar diretamente o credor. O indivíduo sente o peso do castigo quando os afastamento da comunidade acontece, a pena aplicada requer que sejam não apenas um castigo particular mas que ele seja lembrado das desvantagens ao não honrar o compromisso social, a perda dos benefícios até então fornecidos pela comunidade, o grupo vê novamente o ser selvagem do qual o homem é constituído e alegremente o devolve para a selvageria.

2. O PODER E A SUA FORÇA MODELADORA

Conforme a sociedade aumenta o seu poderio, o indivíduo que rompe com a promessa não é mais tratado como um perigo eminente para a comunidade, alguém que ameaça o bem-estar e a própria existência do grupo, ele não detém mais o poder de desestruturar o grupo a tal ponto de ser expulso, a evolução da punição da quebra do acordo vem a ser mais branda na medida em que as pessoas buscavam compreender os fatores desenvolvedores dos atos ilícitos, e assim de certa forma e na medida do possível, separar o ato daquele que o comete.

O sistema penal pode ser aliviado ou enrijecido conforme o poder que a comunidade possui, sendo este poder então a medida avaliadora ao aplicar os castigos necessários para o grupo. Assim como o poder determina as ações da comunidade, os homens que a compõe se beneficiam de forma parecida com a medida de poder, quanto mais poderoso e possuidor de riqueza, maior o passe livre para cometer deslizes, não convivendo com o perigo de ser punido.

2.1 A CONCEPÇÃO DE JUSTIÇA

Nietzsche sente a necessidade de esclarecer a sua opinião do conceito de justiça ser iniciado pelo ressentimento. Esse sentimento é cultivado por muitos na surdina, sem exposição, mas é um meio de transformar a vingança em algo benéfico como a justiça, entendendo o agir da justiça apenas como uma reparação ao dano que lhe é acometido, e assim reagir a esse dano. Era então nesse momento ligada à esfera da compensação como termo de medida. Longe do conceito de justiça moderno, este visava uma satisfação para alguma das partes, em certos casos a ambas.

Mas queremos salientar que este modo de ver uma equidade da situação através da vingança e tudo o que ela implica é concedida no mesmo sentimento ressentido. Essa equidade se relaciona com um tomar partido. Ao fazer menção ao pensamento de Dühring, ele se contrapõe, a justiça não nasce no reagir, o homem ao cometer atos justos não importando a situação em que se encontra, não agindo de

maneira indisposta, “ser justo é sempre uma atitude *positiva*” (NIETZSCHE, 2018, pág. 58), quando o homem persegue a justiça mesmo que isto signifique prejudicar a si mesmo, ele é um ser mais perfeito que os demais, que alcançou uma excelência e como este homem é tão raro de encontrar, não podemos esperar esse tipo de atitude de todos, afinal de contas, mesmo as pessoas que buscam serem justas podem ter sua visão de justiça nublada ao ser afetada negativamente de alguma forma.

Ser um homem ativo o impede de ser reativo e assim ser parcial na sua busca por justiça, o indivíduo que age ativamente tem uma visão mais clara sobre a justiça, sendo possível ser estabelecida graças a esses homens ativos, que tiraram o domínio dos homens fracos, ressentidos o poder de ditar o que consideravam justo. É a vida ativa do homem que o faz crescer sem amarras, ele é livre para expressar, para se exceder, torna-se mais nobre e como consequência possuindo uma consciência boa, a má consciência é fruto de quem reage através do ressentimento.

Ao buscar historicamente, os indivíduos que buscam e contribuem para a justiça são ativos, que não necessitam do movimento externos para agir. A esfera do direito atua na contenção desse espírito ressentido e dos esforços reativos que veem na vingança uma face da justiça, o poder que os homens ativos possuem é utilizado para barrar as ações reativas e então firmar um trato a fim de haver justiça para ambos os lados.

Para a justiça, importa a resolução do conflito e para tal são necessários indivíduos com nível de poder suficiente para que a imparcialidade seja respeitada, a vingança perca as forças que estão ligadas ao objeto do ressentimento e instaurando novamente a organização que antes existia, com acordos a serem discutidos e aceitos para que o homem reativo não mais pense em vingança.

Assim um artifício surge para que o ressentimento e a vingança não tenham lugar de destaque na busca por justiça. Com a implantação de leis, o sujeito não possui o protagonismo do ato, o desvio da atenção entre o ato ofensivo e o ofendido através da amplitude das leis organizacionais, leva a uma distração do sentimento de vingança, tirando o caráter pessoal de dano ao sujeito prejudicado, ela não é mais

alimentada como antes. Uma nova visão para julgar se encontra neste desvio de atenção, a imparcialidade pode se fazer presente ao julgamento impessoal.

Os conceitos de justo e injusto são levados ao sentido do que é acordado na lei e não em razão do ato ofensivo como acredita Dühring. Mas ao analisar esses conceitos com cuidado, o seu sentido se mostra relativo, “ofender, violentar, explorar, destruir, não pode naturalmente ser algo “injusto”” (NIETZSCHE, 2018, pág. 59), no sentido de que a própria vida se constitui através desses atos. Para Nietzsche, esse caráter impessoal que o sistema de leis impõe não se trata da razão do homem atuando, mas das forças atuantes nas relações de poder passando a impressão de impessoalidade.

Ao refletirmos a vida em seu estado mais puro, veremos que o homem que segue as leis sem cometer um deslize são raras exceções. As restrições colocadas apenas para podar minimamente o homem com o objetivo dele trilhar um caminho para alcançar um poder em maior escala não são exatamente o problema, e sim em colocar restrições que minam toda a luta pelo poder que ocorre organicamente, que entende a vontade do outro com o mesmo valor que a sua, torna-se um atentado contra a vida, destituindo o homem de tudo que lhe é intrínseco, interferindo fortemente no que ele pode vir a ser.

O histórico da justiça é de algumas formas semelhante ao desenvolvimento da moral, os direitos e deveres não surgem prontos como o conhecemos, mas são transformados com o passar dos séculos e de diversas sociedades e sistemas de poder com o propósito de silenciar as ações vingativas.

Retomando a origem e a finalidade do castigo, os que buscam analisar esse comportamento chegam a conclusão que o castigo se iniciou fazendo referência a sua intenção, a causa do castigo é entendida em conjunto com o fim da ação. Uma divergência em relação ao pensamento teológico, onde o surgimento de algo está diretamente ligado ao seu fim, sua função. A origem e a ação final são partes que se diferem na construção do castigo, o porquê que algo é criado está separado da sua utilização, de como se torna útil, assim o mesmo princípio de ação pode ser

reinterpretado para atender as necessidades do momento em que é solicitado, deste modo podendo ser adaptado a sua utilidade conforme for preciso para o período.

Esta sua capacidade de adequação para cada caso que é compreendida pelos estudiosos, mas perde-se o entendimento da centralidade da coisa, ao buscar a utilidade na finalidade. “Assim se imaginou o castigo para castigar.” (NIETZSCHE, 2018, pág. 59)

2.1.1 Vontade de Poder

A finalidade de uma coisa mostra-se ligada a uma vontade de poder que se apodera das mais diversas utilidades para então chegar ao fim desejado, assim moldando a coisa pra ser mais adequada a esse fim. Como consequência, a coisa não é simplesmente definida por seu resultado, antes ela é aplicada da forma que mais convier para o momento, ela é o resultado das ações que dela a antecedem, o seu sentido e finalidade são mutáveis e adaptáveis.

Se a forma é fluida, o “sentido” mais ainda ... Mesmo no interior de cada organismo não é diferente: a cada crescimento essencial do todo muda também “o sentido” dos órgãos individuais - em certas circunstâncias a sua ruína parcial, a sua diminuição em número (pela destruição dos componentes intermediários, por exemplo) pode ser um signo de crescente força e perfeição. (NIETZSCHE, 2018, pág. 61)

Não há uma rejeição ao conceito de propósito ao qual uma coisa possa estar ligada, mas que o propósito e o princípio das coisas não nascem simultaneamente. Assim como a utilidade das coisas é mutável, a sua inutilização também o é, a vontade de poder para avançar nos seus objetivos, apoia-se de pequenos poderes que irão ajudar a alcançar o seu propósito. E este alcance que ocorre, é valorado de acordo com os sacrifícios que foram necessários para realizar esse progresso.

Mas esse conceito foi perdido no meio da espiritualidade moderna, a capacidade de adequar coisas para o benefício da sua vontade, foi torcido para meramente uma adaptação, uma reação aos chamados “obstáculos da vida”, o homem se dobrando a vontade do mundo e não dobrando o mundo à sua vontade. Rejeitando o sentido da vontade de poder dirigir a vida diante da óptica de domínio,

levando a um novo sentido simplificado de adaptação às circunstâncias externas. Tomando esse conceito como verdadeiro, descarta-se a verdade da vida, a vontade de poder nela inerente, o conjunto de forças “espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de formas, interpretações e direções”, não há como ser apenas um homem reativo enquanto essas forças operam livremente no homem.

Baseando-se na sua formulação da vontade de poder, as várias forças que lutam incessantemente entre si, não pode ser possível um único caminho percorrido através do tempo, houve e continuará havendo transformações devido às constantes disputas de poder. Nesse ponto podemos observar claramente essa dinâmica da vontade de poder, um poder não pode ser assegurado para sempre nos espaços por ele conquistado, pois ainda há disputas ocorrendo, um exemplo disso é a moral do senhor sendo superada pela moral escrava.

Isto leva a uma nova perspectiva a respeito das transformações feitas, não sendo apenas mudanças, mas essas constantes lutas de poder fora da visão de todos, o aumento, a diminuição, o surgimento e o desaparecimento de algo, são consequências do caminho traçado para um poder maior ser estabelecido. O significado de tudo é fluído.

2.1.1.1. As finalidades do castigo

O castigo pode ser analisado sob dois âmbitos, o que dele se deriva para permanecer, ou seja, utilizando do castigo para estabelecer leis, conceitos que regem uma sociedade, toda a cultura, e o âmbito que o significado do castigo se adequa a cada sentido que a situação exige. Nietzsche levanta a possibilidade dos atos que são exercidos no castigo terem surgido antes, e ao longo da história foi implementado ao castigo, não foi imaginado juntamente com o castigo. É por meio da instabilidade de sua finalidade inicial que é possível um significado estabelecer-se através dessa fluidez.

Em relação ao segundo âmbito, o sentido como algo mutável de acordo com a ocasião, não é de fato algo que possa ser descrito por ter essa natureza fluída. Um

conceito pode ter diversos significados, ele pode adaptar-se de acordo com a exigência da situação, a sua finalidade é ditada de acordo com o que a pessoa que está aplicando o castigo, projetou para o castigado. O castigo tanto é capaz de ser um ato de festa, como também uma ação para corrigir uma ação, uma compensação para o credor, o castigo para criar um hábito, entre outros. De modo que, são tantas nuances ligadas ao castigo fazendo-se pouco provável reduzi-lo a uma só finalidade.

...quanto ao outro elemento do castigo, o fluído, o “sentido”, ... o conceito de “castigo” já não apresenta um único sentido, mas toda uma síntese de “sentidos”: a história do castigo até então, a história de sua utilização para os mais diversos fins, cristaliza-se afinal em uma unidade que dificilmente se pode dissociar, que é dificilmente analisável e, deve ser enfatizado, inteiramente *indefinível*. (Hoje é impossível dizer ao certo *por que* se castiga: todos os conceitos em que um processo inteiro se condensa semioticamente se subtraem à definição; definível e apenas aquilo que não tem história.) (NIETZSCHE, 2018, pág. 63)

O sentido se adequa a circunstância, cada uma das partes que estão envolvidas no ato do castigo pode ser evidenciada ou posta na sombra de acordo com a necessidade final.

O castigo é ainda o instrumento responsável por causar o sentimento de remorso, a implantação da má consciência no homem, apesar de na história moderna esse movimento ser raro de encontrar, pois as pessoas que estão pagando por desrespeitar a lei dificilmente se encontram em um estado de remorso. O castigo não faz surgir a má consciência nos criminosos como a sociedade quer que aconteça.

O castigo pode em sua maioria, transformar o homem em um ser mais calculista, mais perspicaz e obstinado. Nos raros desenvolvimentos que acarretam em uma auto depreciação, o resultado é menos positivo que o efeito habitual, a austeridade com que a vida agora é encarada. Na visão moderna, a culpa não poderia florescer nos conceitos atuais definidos, a dualidade com que os atos considerados criminosos são encarados de acordo com quem o faz, torna esse surgimento da culpa difícil. Os criminosos podem encarar a punição como algo que os julgadores são permitidos livremente para usar da violência por uma suposta boa causa, a má consciência não nasce nesse tipo de situação.

A má consciência nasce no tratamento que o homem recebe, não como um simples culpado pelo ato, mas como alguém que tinha algo errado em si, que apenas realizava atos errados perante a sociedade. Mas este homem antes não tinha a consciência desses atos, é a partir do castigo que é implantada a ideia de certo e errado.

Nietzsche cita o trabalho de Spinoza no qual reflete a respeito da consciência, um pequeno desvio do seu pensamento que trata o seu Deus como livre dos conceitos que o mundo conhece como Bem e Mal, Deus não estaria ligado a esses conceitos para que o seu comportamento seja entendido como bom, para um bem maior. Seguindo essa linha, o mundo retornou ao ponto em que não tinha essa consciência, o que resulta o homem para a consciência é a decepção que sente por uma coisa que já ocorreu, mas não da maneira desejada.

Está alinhado então com os pensamentos dos descumpridores de leis que sofriam as consequências através do castigo e logo tinham em mente que algo estaria errado, não se trata de um pensamento se culpa por suas ações mas que ocorreram erros na sua execução, e assim não refletem o erro da ação mas o de ser desatento o bastante para ser punido por ela.

Com isto tratavam o castigo sem relutância, o aceitavam “com aquele impávido fatalismo sem revolta”. O castigo torna-se uma ferramenta para adestrar o homem, impor o medo e levá-lo a se comportar nos moldes impostos. O homem converte-se em um ser contido e cauteloso, mas não muda completamente a sua essência para ser “melhor”, ao contrário, o faz conter a sua natureza, o reduzindo a um tolo.

3. O PRODUTO FINAL DO PROCESSO: A MÁ-CONSCIÊNCIA

O surgimento da consciência representa para o homem uma modificação que era necessária para assim, integrar-se novamente no mundo, tendo ele sido renovado. Como aconteceu aos animais na sua história evolutiva ao se adaptaram para desenvolverem-se na nova realidade, esta em que não estavam munidos de conhecimento prévio, de seus instintos, tendo então que aprender a sobreviver novamente, o observar e pensar antes de agir, “reduzidos à sua “consciência”, ao seu órgão mais frágil e mais falível!” (NIETZSCHE, 2018, pág. 67)

Levando em consideração a questão psicológica da relação entre mestre e escravo, a adaptação não ocorreu facilmente, se desfazer dos antigos instintos foi encarado certamente com dificuldade. Os instintos que não puderam ser postos para fora, ficam em seu interior, a isto Nietzsche denomina como a “interiorização do homem”, isto é possível graças ao fato do homem ser levado a conter os seus instintos, não deixando brecha para que eles se manifestem no mundo, o castigo tornou-se um grande catalisador para esse processo, com o intuito de fazer o animal selvagem que o homem é ser enjaulado dentro de si mesmo.

Todos os instintos que o homem possui, “A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição - tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência.” (NIETZSCHE, 2018, pág. 68). O homem é o causador de tamanha desgraça para si mesmo, transforma a sua força inata, que lhe proporciona viver no mundo livremente, em carcereira de si próprio.

A origem da má consciência consegue ser formada quando impede uma vontade de potência operar livremente no homem através de uma série de princípios que forcem a interiorização do homem. Essa vontade não sendo praticada vê-se presa, assim criando uma inquietação ao não poder ser saciada. O homem sente-se agitado e irritado ao não ter um direcionamento para a sua vontade e em decorrência disso, busca uma forma de sair dessa insatisfação.

Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, corroe, espicaçou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem “amansar”, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata - esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má-consciência”. (NIETZSCHE, 2018, pág. 68)

Com isto a humanidade se infestou, foi contagiada por uma doença através de si mesma, a sua transformação não foi pacífica sendo ela tão radical, uma guerra dentro de si é instaurada, os fatores que o auxiliavam agora o paralisam. Através desse voltar-se contra si mesmo, o homem muda o seu propósito no mundo, a sua percepção, o indivíduo não enxerga o potencial que a vida contém, parece então que a vida não é mais o aspecto importante do homem, mas um meio de preparação para o que está além dela.

Acrescentamos, de imediato, que com uma alma animal voltada contra si mesma, tomando partido contra si mesma, algo tão novo surgia na terra, tão inaudito, tão profundo, enigmático, pleno de contradição e de *futuro*, que o aspecto da terra se alterou substancialmente. (NIETZSCHE, 2018, pág. 68)

3.1 A CRUELDADE DE ARTISTA

Mas ao analisarmos essa hipótese levantada por Nietzsche podemos perceber que essa transformação não surgiu naturalmente como um processo evolutivo, mas ocorreu aí uma imposição da qual não houve relutância e tão pouco mágoas. Uma transformação que se deu através da brutalidade, do castigo ao homem animal que vivia livremente, a formação de uma sociedade tornou-se possível nesses meios modeladores de comportamentos a ponto de não apenas aprisionar os instintos existentes mas também ser capaz de moldá-los para um modelo que acreditavam ser mais adequado, e percebemos o caráter tirânico dessa reorganização.

Os responsáveis pela mudança só poderiam ser seres com tamanho poder que facilmente se organizaram para impor novos valores, moldar aqueles que não tinham tal poder para conseguirem dominar uma considerável massa, a quem Nietzsche chama de “bestas loiras”.

Vendo a formação de uma sociedade por este âmbito conquistador, o que antes acreditávamos existir um acordo para ser aceito dentro da comunidade, com os devidos ganhos ao indivíduo que aceita os termos, este então é desmistificado. Não existe um acordo bom para ambos os lados em uma relação entre um senhor e um servo. O poder que um senhor irradia, torna as suas atitudes inquestionáveis, sendo normalizadas como fatos da vida. Faz parte da sua natureza esse espírito criador, é uma extensão do seu ser que pode passar despercebida de tão inerente em si.

Sua obra consiste em instintivamente criar formas, imprimir formas, eles são os mais involuntários e inconscientes artistas - logo há algo novo onde eles aparecem, uma estrutura de domínio que vive, na qual as partes e as funções foram delimitadas e relacionadas entre si, na qual não encontra lugar o que não tenha antes recebido um "sentido" em relação ao todo. (NIETZSCHE, 2018, pág. 69)

Nesses seres modeladores, não são conscientes os conceitos que para pessoas abaixo do seu nível de poder são naturais na sua realidade, como a responsabilidade pelas suas ações, não veem problema na sua jornada para a concretização dos seus objetivos. Percebemos uma dualidade a respeito da má-consciência, as suas ações são sem consideração para a liberdade do outro e a total atuação da sua é que foi possível o surgimento da má-consciência em quem não compartilhava do mesmo nível desses precursores, neles há esse caráter de culpa que não faz parte do senhor.

O impasse gira em torno do impedimento da vontade do homem ser expressada. A liberdade de agir é silenciada. O homem vive a base de freios morais que o impossibilita o seu crescimento. Ele não é adequado para este mundo, forçando-o a voltar-se para dentro. A mesma força que possibilita a crueldade do artista ser desinibida, quando é aprisionada oferece abertura para a culpa, a má consciência.

Assim como o que guia esses organizadores, o seu instinto dominante que os faz criadores resulta na formação também da má consciência em detrimento do modelo organizacional imposto, ao contrário de antes, quando essa força ativa era direcionada para dominar a natureza, é agora voltada para o próprio homem. A vontade de poder não desaparece do homem, mas ela é torcida para atuar não mais no exterior, essa força dominante atua dentro de si.

O instinto dominador é direcionado para si, o desafio de querer adequar seu ser para caber em uma caixa pré-pensada, de conseguir enfim controlar os seus impulsos naturais, uma tarefa que se mostra impossível e por isso atraente, o homem sente prazer com a dificuldade de se reprimir, “que a si mesma faz sofrer, por prazer em fazer sofrer”. (NIETZSCHE, 2018, pág. 70)

Um surgimento de um novo ideal, do qual o homem ao alcançá-lo pode experimentar a perfeição, é construído, o interesse do homem é garantido pela perspectiva de chegar a um lugar jamais antes acessado e assim concorda em conter-se para alcançá-lo. O conceito desse homem perfeito, com valores que precisa praticar para ajustar-se na “caixa”, torna possível a má-consciência ativa no homem, que o conduz a mudar as suas ações e encobrir seus instintos, pois como o homem iria descobrir que não era perfeito se o ideal de perfeição não fosse construído?

Eis a origem da má consciência para uma doutrina da vontade de potência: a ausência de inimigos externos, a ausência de resistência faz com que os instintos se voltem contra o próprio homem. Assim, os organizadores dos Estados primitivos desconhecem o que é culpabilidade, responsabilidade. A má consciência tornado latente e reprimido, não germina neles - mas sem eles não teria nascido. (MOURA, 2014, pág. 141-142)

Através desses valores morais que o homem se põe em segundo plano, não agindo mais em favor de si, seu instinto de autopreservação ocultado. A má consciência é posta no espectro ativo, diferente do que vimos nos debates entre moral do senhor e do escravo, a má-consciência nasce dessa moral escrava reativa, para que pudesse se sobressair em relação a moral do senhor, ela precisava ser concedida por quem tem o poder de ditar valores para que assim eles possam ser seguidos, sendo este um papel do sacerdote que tem este poder assim como o senhor, o sacerdote no entanto não possui somente aparatos físicos e externos.

Nietzsche compara a má-consciência com uma gravidez no sentido de analisar como tal coisa tomou uma proporção e influência assim como temos que esperar o que dela nascerá.

3.2. A ASCENSÃO DO DIVINO

Retomamos o ponto já discutido da relação entre credor e devedor, da qual seria inviável para nós modernos, por termos e acordos que não se adequam mais a sociedade que não suporta a crueldade explícita que a antiguidade cultuava. Nos tempos mais antigos em que conseguimos imaginar, as pessoas da comunidade reconhecem as ações dos seus antepassados, atribuindo a permanência da existência da comunidade para essas ações, aos sacrifícios que foram realizados para que a geração presente possa viver na comunidade, assim criando uma dívida com esses homens anteriores, culminando na geração presente realizando os sacrifícios necessários para quitar a suposta dívida. Mas ela continua a crescer, os antepassados aumentam e ganham um novo sentido para a comunidade, como tivessem se transformado em espíritos que podem ajudar o seu povo com a sua nova natureza.

Em troca de ajuda, são oferecidos os sacrifícios, rituais, o cumprimento das regras que esses antepassados deixaram. Mas ao não saber a extensão da dívida, esses seres não são tranquilos quanto ao seu pagamento e por isso em atos de desespero, oferecem algo de mais valor como seu primogênito para compensar a discrepância que ele acredita existir.

O raciocínio por trás do medo da dívida não ser quitada, segue uma conclusão da qual se a comunidade é próspera e se fortalece, esse medo também cresce em igual proporção, mas ao ser derrotada e o poder diminuído, esse temor também o é, assim desconstruindo a imagem do espírito antepassado como todo poderoso. Aquelas comunidades mais poderosas então, são as que mais veneram e temem seus espíritos, transformando-os em algo semelhante a um deus. Podemos por meio desse raciocínio chegar a origem dos deuses, no medo e na piedade.

Essa noção de uma dívida histórica a algum deus, ao longo da história cresceu conforme esses deuses eram cultuados e o seu conceito como divindade expandia-se, assim também a culpa corroía o homem proporcionalmente. Os momentos históricos das civilizações são entrelaçados com as histórias próprias dos deuses,

essas comunidades que tomavam dimensões universais, requerem também um deus que pudesse ser universal, dando espaço para religiões monoteístas.

Ao concentrar tudo em um só deus, além de aumentar as suas responsabilidades, aumenta no indivíduo o sentimento de culpa. Por outro lado, o caminho que parece viável para nos tirar esse sentimento é o ateísmo, que afasta a perspectiva desse deus e nos proporciona a volta ao início, onde o homem ainda era pleno.

Nietzsche acha que dificilmente essa libertação da má-consciência ocorrerá. Há uma diferença entre o homem apenas ter fé em um deus, que teria a possibilidade de ser convertido para o ateísmo moderno, mas o homem não carrega consigo somente a fé, a interiorização do homem em conjunto com os valores morais ligados a um divino, são os formadores dos pensamentos do homem, tornando o desafio de voltar ao seu estado natural, sem contenções, quase impossível.

O desenvolvimento da má consciência, a produtiva guerra civil da natureza contra si mesma, é tão poderoso que bloqueia qualquer liberação fácil de “crenças” religiosas por causa dos prazeres e benefícios de forças antinaturais. Com o Cristianismo, o poder da má consciência recebe a mais alta e engenhosa estrutura cósmica. (LAWRENCE, 2010, pág. 117)

A culpa e o dever são os fundamentos para a existência da má consciência, carregando uma moralidade nestes conceitos, se entrelaçando com a divindade. A dívida como já mencionada, aumenta de forma que o devedor não se vê capaz de pagá-la, daí a ideia de um castigo eterno como uma maneira de recompensar. Mas a ideia de desobedecer ao credor está no começo do mito cristão, em que Adão, o primeiro homem, como consequência dessa desobediência tornou-se o primeiro pecador, o momento onde o mal surge. A ideia que o mito propaga é a desmoralização dos instintos naturais do homem, desvalorizando a sua natureza ao demonizá-la.

Quando toda a responsabilidade pelo pecado recai no homem, essa dívida e culpa o seguem por toda a sua existência no mundo, sendo negada a libertação da dívida em vida. E isto nos leva a principal força do cristianismo, esse Deus se faz

homem para viver entre a humanidade e se sacrificar em prol dela, uma forma poética de regenerar o homem do que ele já não pode ser perdoado, o credor se sacrifica pelo devedor.

A má consciência é mais enfatizada quando é imposta a diferença entre o mundo divino perfeito e o mundo cheio de pecado ao qual o homem vive, que não encontra a solução em seus próprios termos, mas necessita da intervenção divina para tal. Esse Deus é proclamado como um ser misericordioso e que ama as suas criações de tal forma que oferece um sacrifício de sangue para com elas, um ser que ouve suas angústias e medos, que é bondoso, mas também aplica a sua justiça divina de acordo com os seus preceitos, o temor e o amor andam lado a lado na doutrina cristã.

O bem e o mal produzidos a partir da moral escrava são alçados ao seu auge com cada um tendo seu representante divino e o lugar ao qual pertence, Deus e o paraíso, diabo e o inferno.

É o homem da má consciência, com sua vontade de torturar, que lança mão da hipótese religiosa para alçar seu suplício ao grau máximo. A ideia de dívida em relação a Deus torna-se, para ele, um instrumento de tortura. O homem da má consciência projeta, fora de si, um Deus que é a antítese de seus instintos, e compreende esses instintos como culpa em relação a Deus. (MOURA, 2014, pág. 143)

Percorrido todo o caminho da construção da má consciência, com a natureza do homem sendo aprisionada no próprio ser, que surgiu com a culpa para se castigar, conseguiu levar isto ao nível divino, para uma dívida com uma divindade. Um novo sentido é concedido para seus instintos, ligados à relação divina como um ato de desobediência, de tudo o que o Deus desaprova que os seus servos pratiquem, o homem ao abafar esses instintos em si está andando conforme a vontade de Deus, uma recompensa eterna é ofertada, do contrário o indivíduo terá que viver o seu atormentado castigo pela eternidade em consequência da sua incapacidade de guardar para si a sua natureza.

O homem se voluntaria a sentir essa imensa culpa que não pode ser reparada com um castigo palpável; ele sente a necessidade de viver com restrições, como um ser imperfeito, no ideal que o próprio homem criou, mas no qual nunca alcança e por isso se culpa. O estilo de vida cristã pode conter um viés pessimista ao assumir que a vida precisa de uma intervenção divina pois sem ela não há propósito.

Há uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a *vontade* do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua *vontade* de crer-se castigado, sem que o castigo possa jamais equivaler à culpa, sua *vontade* de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa, para de uma vez por todas corta para si a saída desse labirinto de “ideias fixas”, sua *vontade* de erigir um ideal - o do “santo Deus” - e em vista dele ter a certeza tangível de sua total indignidade. Oh, que insana e triste besta que é o homem! (NIETZSCHE, 2018, pág. 75)

Apesar da representação de divindade criada pela modernidade, que desenvolveu a interiorização do homem em consequência, muito se difere com o conceito dos deuses da cultura grega, onde a perfeição não era a pauta principal, os deuses seguiam a sua natureza, seus instintos e conseqüentemente os homens não se sentiam culpados por agirem como homens, não eram reprimidos em favor de não sofrerem punição.

Eles se espelhavam nos seus deuses para justamente não serem acometidos pelo sentimento de culpa, aproveitar livremente o que a natureza tinha a oferecer como os próprios deuses praticavam. Zeus sendo um deus central em meio às demais divindades, a sua opinião em relação aos homens poderia ser de condenação, mas demonstra ser apenas um desagrado, algo que não faria da mesma forma, uma discordância, ao contrário de toda a cultura formada pelo cristianismo de condenar e demonizar as atitudes humanas.

Usavam ainda como justificativa do homem enquanto um ser na sociedade que não correspondia às expectativas de normalidade da época ou ao fato da sua vida não ser bem afortunada em comparação aos outros, atribuíam a má consciência a algum deus, e assim encontravam respostas para as situações adversas do homem

ao relatar os seus problemas ao divino. Na religião grega antiga, há uma aproximação com o divino, os deuses são retratados com atitudes que o homem naturalmente teria, essa exaltação à natureza animal do homem é condenada pelos cristãos.

Nietzsche finaliza a sua dissertação a respeito da má-consciência refletindo o quanto os conceitos de mundo tiveram que serem distorcidos para que a “verdade” sob a qual vivemos pudesse ser implantada na nossa realidade, as normas antigas que tiveram que ser destruídas para o surgimento de novas. O resultado da nossa má-consciência teve o mérito de milênios de construção e desconstrução de estigmas sobre o próprio homem, da sua natureza inata. A inversão de valores comportamentais e mentais gerando a aversão ao próprio homem.

Já por um tempo demais o homem considerou suas proporções naturais com “olhar ruim”, de tal modo que elas nele se irmanaram com a “má consciência”. Uma tentativa inversa é *em si* possível - mas quem é forte o bastante para isso? - ou seja, as propensões *inaturais*, todas essas aspirações ao Além, ao que é contrário aos sentidos, aos instintos, à natureza, ao animal, em suma, os ideais até agora vigentes, todos os ideais hostis à vida, difamadores do mundo, devem ser irmanados à má consciência. (NIETZSCHE, 2018, pág.77-78)

A má consciência é sentida mais fisicamente do que espiritualmente, causando uma inquietação no corpo mais do que é sentido na alma. Ela é constituída da força natural do homem embora voltada para o mesmo, trata-se da atividade das forças que estão contidas no seu interior. Se essa significasse na principal falha, poderia ser combatida, mas o ressentimento toma posse dessa má consciência para transformar o seu sentido conforme a sua ideia.

Mas Nietzsche projeta que esperançosamente há de vir um homem que irá desprender-se dessas amarras da má consciência, o qual não aceitará a imposição dos valores morais, e ao buscar dentro de si encontrará o “homem-animal” que está enjaulado e conceder-lhe a liberdade, conhecendo essa realidade antes de se projetar na realidade criado pelo mundo, ele seria contra essa cultura cristã como também a cultura do nada.

CONCLUSÃO

Os temas que aqui foram desenvolvidos neste trabalho monográfico, possuíam o objetivo de elucidar a questão da má consciência apresentada por Nietzsche. No texto é desenvolvido todo esse processo da construção da culpa, a elaboração de uma consciência no homem que era guiado por seus instintos e tinha a imprevisibilidade nas suas ações. Foi necessário a criação da memória para que o homem formasse raízes no mundo, uma responsabilidade moral que foi possível através de um longo processo histórico.

O objetivo da reflexão que Nietzsche propõe através do livro Genealogia da Moral, não é apenas uma crítica à moral produzida através de séculos de história, mas a todo um mundo regido pela moral, que rejeita a sua própria natureza, mantendo o seu foco voltado na expectativa de libertação das amarras morais, para a vida então possa ser expressada por si mesma. Pode surgir na leitura do texto a ideia de Nietzsche estar desfazendo um ideal e criando outro em seu lugar, mas isso está relacionado ao seu próprio conceito de vontade de poder, onde existe uma luta de forças que querem constantemente se sobressair uma a outra, para um ideal perder a sua importância, outro precisa surgir para ocupar o espaço.

A má consciência consegue estabelecer-se, na era moderna ela é uma coisa já completamente inserida na cultura e Nietzsche não nega estar incluso na sua influência, assumindo o seu lugar nessa cultura moderna. Uma forma de afastar em sua totalidade dessa sombra que paira regularmente no homem, é ultrapassar isso, inverter mais uma vez os valores, uma renovação de ideias que permeiam a própria má consciência, ou seja, ela é a doença, mas poderia ser a cura.

Nietzsche esclarece no texto a fluidez de sentido dos conceitos que se adaptam às circunstâncias em que estão inseridos. Essa natureza fluida seria fundamental para reestruturar a má consciência e lhe conceder um novo significado. Ao estudar a fundo os conceitos morais e os seus sentidos ao longo da história, é viável conhecer a origem desses conceitos e o terreno onde tiveram margem para brotarem. Mas o filósofo esclarece que este é um plano para o futuro, assim como a

má consciência foi perpetuada por séculos para fundamentar-se e conquistar o seu espaço na mente do homem, o seu contraponto precisaria preparar o terreno para ser possível essa mudança.

Recuperar os instintos e a liberdade do homem, o seu desejo de superar-se, de não mais temer as consequências que o mesmo impôs sobre si, restaurar todo esse espírito conquistador do homem e afastá-lo integralmente do ideal moderno que nega a vida e mergulhar na sua natureza, esta é uma projeção que o autor faz ao final do texto.

Essa reversão precisa acontecer juntamente com a ideia de reavaliar esse conjunto de crenças que faz parte da realidade do homem moderno, a simples negação de valores e as suas destruições pode levar a uma perda do sentido para a vida, um niilismo, onde não há nada que tenha importância na vida. O niilismo ajuda em um primeiro momento na superação dos valores, criando o espaço preciso para a transformação ocorrer, mas é necessário a construção de um pensamento livre do ideal anterior e do próprio niilismo, não se entregando nem a um Deus, nem ao nada.

O homem moderno é formado pela má consciência, o reconhecimento da influência que molda a vida há tempos é o passo inicial, mas toda a transformação não é feita facilmente, a autocrítica realizada mostra os efeitos da má consciência, fornecendo ao homem uma perspectiva para separar-se dessa cultura e abraçar a afirmação da vida.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 9ª reimpressão, 2018.

LAWRENCE, J. Hatab. **A genealogia da moral de Nietzsche - Uma introdução**. São Paulo: Madras, 1ª edição, 2010.

MOURA, Carlos A. R. de, **Nietzsche civilização e cultura**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2ª edição, 2014.

TONGEREN, Paul Van, **A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre “para além do bem e mal”**. Curitiba, Champagnat-PUC/PR, 1ª edição, 2012.